

# artes plásticas

WALMIR AYALA

## VIVEMOS UM TEMPO DE MAGIA

A constante mais indiscutível de uma visão que me ficou de minha viagem aos Estados Unidos, no terreno das artes plásticas, foi a da pesquisa da arte tecnológica. Pode-se dizer que estamos vivendo lá um outro tempo de magia, prenúncio possível de uma nova etapa de irivenção fantástica, depois do esvaziamento e dilapidação de todo o conceito tradicional de uma arte de interpretação do mundo. Só que a nova magia deflagrada pelos artistas americanos de hoje, em grupos coesos, corais, atacando em vários pontos do país, substitui o inconsciente e seus instrumentos oníricos, pela manipulação dos meios transfigurados que a tecnologia põe ao alcance da matéria cientificamente dominada.

O *flash*, o cinema, a TV, a técnica, o raio *laser*, a eletricidade, a mecânica são os motores para os materiais, novos ou antigos, que de repente assumem categoria de ente vivo, numa sociedade que se saciou de consumir da forma a mais narcotizada (ópio de publicidade) este mesmo material, esta mesma potência, esta mesma capacidade de colocar a alma do interesse imediato numa mercadoria rigorosamente preparada para o consumo. A tristeza, a dureza, a crise de espírito da sociedade americana dos nossos dias encontram ainda no artista sua sirena de alarma, sua chance de metamorfose e transcendência para um outro plano acima do nuamente prático.

A mais importante exposição que vi de arte e tecnologia está instalada no Los Angeles Country Museum of Art, e vale a pena enfrentar o despojamento da cidade de Los Angeles, sua luz de ciência de ficção, seu *smog*, suas insuportáveis distâncias e agreste natureza, para ver esta coletiva. Mas a experiência não se reduz a isso, dentro desta viagem. Anoto ainda o encontro com o compositor suíço Herbert Brun, na Universidade de Illinois em Urbana, a visita ao Departamento de Arte do Instituto de Tecnologia em Massachusetts (MIT), e a exposição de Arte e Tecnologia do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Todos acontecimentos em funcionamento agora.

Limitemo-nos, neste artigo, à exposição de Los Angeles, cuja idéia foi de estimular artistas, especialmente operando na área de Los Angeles, a produzirem obras de arte usando técnicas industriais. Particularmente, o grande impacto da coletiva foi para mim a sala de *flashes* montada por Boyd Meffert com a colaboração da Universal Television. Trata-se de uma sala rigorosamente escura, perigosamente em treva, dentro da qual vários *flashes* poderosos estão instalados, alguns com filtros de cor, e acendendo ao mesmo tempo.

Ao entrarmos na sala, temos a sensação de estarmos sós. Quando os *flashes* estouram, vemos os vultos de outros visitantes, em várias áreas de cor, num átimo visual. Ao apagar a fração de segundo do *flash*, vemos reproduzir-se em nosso aparelho ocular, numa sucessão de cores, num desenvolvimento modular, a

imagem surpreendida no instante da visão. O quadro, a obra, a imagem está dentro de nós, construída sobre todos os elementos técnicos da proposta do artista, e avançando na nossa mecânica visual como uma percepção corporificada e móvel.

Outro grande momento dessa coletiva é a bolsa de gelo de Claes Oldemburgo, montada na praça de esculturas do Museu. A bolsa de gelo gigante, usando a tática desmistificadora pelo humor, de Oldemburgo, move-se, gira lentamente, infla-se, ergue-se, depois murcha, para voltar ao ciclo de movimento que tem a languidez de uma dança erótica, ou o hábito do despertar de um monstro antediluviano no laboratório de um cientista louco.

Outra obra chocante é a musa de fogo de Rauschemberg, um tanque de lama que respira como um pequeno vulcão.

Outros artistas participantes: Rockne Krebs, numa composição feérica de raio *laser*, em vermelho, verde e azul, intitulada *A Passagem do Dia*, trabalho em colaboração com a Kewlett-Packard Corporation of Palo Alto; Jean Dupuy, proporcionando, através de uma engrenagem *diesel*, símbolos de fogo, terra e água; Richard Serra, em colaboração com a Kaiser Steel, uma grande escultura de aço que também ocupa espaço na praça de esculturas; Tony Smith, em colaboração com a Container Corporation, expõe uma escultura de milhares de tetraedros e octaedros, feitos em papelão de embalagem, sugestão arquitetônica sob uma luz tênue; Newton Harrison, em colaboração com a Jet Propulsion, construiu cinco cilindros de *plexiglass*, com gases coloridos, em tonalidade variada e delicada e com movimento suave (uma sugestão do movimento de abstração lírica surgindo agora, e com coletiva no Whitney Museum em Nova Iorque); Jesse Reichek, trabalhando com a IBM, põe em pintura o resultado de uma série de combinações formuladas pelo processo do computador, a partir de determinados dados; Lichtenstein comparece com um filme e Andy Warhol com fotografias em terceira dimensão; o escultor Robert Whitman e o físico John Forkner montaram sequências de imagem multiplicada, do espectador e de um objeto dado, por esquemas de pequenos espelhos; Oyvind Fahlstrom montou um ambiente inspirado em desenho de humor; Robert Irving, evanescendo a luz através de altas colunas de acrílico, em colaboração com a Garrett Corporation; Ronald Kitaj parte da idéia de reconstrução de um *atelier* de escultura, e evolui para uma síntese de vários momentos históricos, registrados através de velhas fotografias, placas de homenagens, homem mecânico, etc.; dois últimos artistas presentes no catálogo e ausentes da exposição até o dia da inauguração, James Lee Byars e Jackson MacLow, o último anunciando poemas produzidos no computador.